



INCENTIVO À LEITURA: A RELAÇÃO COM O REAL PARA CONECTAR AO IMAGINÁRIO

Andressa Vieira Souza (UEFS)

Matheus de Araujo Azevedo (UEFS)

Resumo

O presente trabalho tem como tema a produção textual nas escolas e as problemáticas que envolvem o assunto, como as dificuldades do professor para introduzir a prática de leitura no cotidiano do aluno e a falta de incentivo para que o discente desenvolva um pensamento mais subjetivo, dificultando, assim, a formação do caráter questionador da interpretação textual. O objetivo é discutir o processo de formação de leitores nas escolas e como o docente pode contribuir para desenvolver a subjetividade do aluno na sala de aula. Utilizando como base os estudos de funcionamento da língua como processo de integração social de Marcuschi (2004), a escola democrática de Freire (1997) e o ensino significativo de linguagem através do discurso de Motta Ruth (2006), serão apresentadas as diferentes abordagens que o professor pode trabalhar a partir de textos de épocas distintas para tratar de conteúdos semelhantes, estimular a reflexão e, aos poucos, conectar a realidade do aluno com o abstrato. Para isso serão analisadas duas leituras de épocas distintas: o romance Dom Casmurro de Machado de Assis e uma reportagem da revista Rolling Stone a respeito da cultura do cancelamento e quais os conteúdos e mensagens que esses textos em diferentes suportes textuais podem despertar nos alunos no âmbito do estabelecimento da verdade e suas perspectivas. Ao incentivar o discente a ler enquanto o objeto de leitura é relacionado à sua realidade, o aluno demonstra mais interesse no assunto. Essa pesquisa não almeja esgotar o tema no sentido de apresentar um resultado absoluto, mas levantar um debate sobre o assunto e trazê-lo para a discussão coletiva, gerando reflexão.

Palavras-chave: Produção Textual. Leitura. Língua Portuguesa



Introdução

Em diversos casos, apenas a escolarização não é capaz de formar leitores e produtores de textos eficazes e autônomos. Isso, se dá, em boa parte, porque as práticas de leitura no âmbito escolar não desenvolvem capacidades significativas de compreensão textual que permitem que o leitor interaja com o texto: questionando-o, avaliando-o e desconstruindo seu sentido para construir seu saber. Ao invés disso, a leitura é entendida pela escola como um processo de memorização, de reprodução de textos que devem ser memorizados para que o currículo escolar se cumpra.

Dessa forma, vê-se necessário um estudo de métodos que concedam ao aluno uma leitura que tenha relação com seu cotidiano e que possa ser proveitosa, sem alterar o processo de compreensão e interpretação de textos variados e conseqüentemente, causando ao indivíduo a adquirir hábito pela leitura e a explorar sua criatividade. Ao fazer uma análise, o aluno precisa, dentre muitas coisas, ver além do que o texto diz e ser capaz de compreender e questionar as informações contidas no conteúdo dele.

Para um estudo que tem relação com a prática de leitura é fundamental analisar variados aspectos linguísticos, cognitivos e culturais dos textos a serem trabalhados. Sendo assim, com a finalidade de obter respostas sobre como incentivar o aluno a ler conciliando o ensino de obras literárias com textos mais corriqueiros, para que aumente o interesse pela leitura e conseqüentemente ele se sinta mais apto para desenvolver sua imaginação e a ideia de subjetividade, será realizada uma análise entre duas formas de textos dentro desses aspectos anteriormente citados: a obra Dom Casmurro de Machado de Assis e uma reportagem da revista Rolling Stone a respeito da cultura do cancelamento. Através da leitura contextualizada de ambos textos, espera-se que o aluno seja capaz de questionar, interpretar e expressar os discursos em ambos os textos e quais são seus pontos de divergência e convergência.



1. A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA RELACIONADO A REALIDADE DO ALUNO

Para Cafiero (2010, p. 86) “é importante que, nas aulas de leitura, o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informação.”

Infelizmente, não é incomum ver alunos da Educação Básica lendo e escrevendo textos sem saber a função ou mesmo o propósito. Portanto, é necessário deixar claro para o aluno que a leitura e a escrita devem cumprir funções sociais e que seu uso ultrapassa as fronteiras da sala de aula.

Neste contexto, é central a ideia de que a língua é uma atividade sócio interativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. O funcionamento de uma língua no dia-a-dia é mais do que tudo um processo de integração social. (MARCUSCHI, 2004, p. 12)

O ensino de língua na escola deve ir além da gramática e ser capaz de preparar o aluno para que consiga entender contratos que assina, veracidade de notícias que são veiculadas e até mesmo textos prescritivos, como receitas e manuais. Nas últimas décadas, com o advento da tecnologia, tornou-se particularmente importante desenvolver habilidades de refinamento de informações. Essas habilidades, porém, precisam ser apresentadas e desenvolvidas na escola, como socializadora do saber sistematizado, sem deixar de lado a realidade, as vivências e experiências prévias do educando.

Tratando-se do incentivo à leitura é importante que, na sala de aula seja abordado não somente a literatura clássica, mas também os tipos de textos que os alunos terão que lidar em seu dia a dia, como por exemplo textos de blogs, sites de notícias, e até mesmo as diversas gírias encontradas pela internet. Quando se trata do termo “realidade do aluno” é importante saber que essa realidade pode variar muito dependendo da região do aluno, da idade dele e em qual contexto social ele vive. Trabalhar a realidade vai muito além de apenas associar os textos que os novos tipos de comunicações trouxeram. Se o aluno reside em zona rural, por exemplo, é possível que ele não tenha acesso à internet frequentemente e por conta disso, não saiba o



que é um e-mail ou muito menos vai conhecer a estrutura dos textos que são escritos em blogs, sites de notícias e nas redes sociais se ele não tiver acesso a esse tipo de conteúdo virtual.

É importante salientar que “a leitura é uma espécie de doação recíproca: o sentido não é simplesmente dado ao leitor; é trocado por algo que ele deve trazer. Se o leitor chegar ao texto de mãos vazias, nada leva.” (LEFFA, 2012 p. 255), sendo assim, entende-se a leitura e interpretação de um texto como um processo de que leva ao aprendizado trabalhando vários âmbitos relacionados à vida humana. Um único texto pode causar uma revolução no pensamento do leitor e conseqüentemente, muitos questionamentos acerca do que foi lido e o faz questionar-se em muitos aspectos.

2. COMO TRABALHAR O CLÁSSICO E O ATUAL NA SALA DE AULA

Trabalhar com diferentes tipos de textos para a sala de aula pode ser uma das formas de fazer com o que o educando se sinta familiarizado com a leitura, pois ao trabalhar com muitos alunos, deve-se ter a noção de que cada um deles são diferentes e sendo assim, se interessam por coisas diferentes. Logo, esse tipo de abordagem pode alcançar vários alunos de formas distintas. É válido ressaltar que o docente deve dar prioridade a conteúdos que fazem parte do cotidiano do estudante, como artigos de blogs, revistas e livros, que possuam uma linguagem mais atual e de fácil compreensão para determinada faixa etária.

Após estimular o aluno a ler mais, o docente pode então, passar a introduzir as histórias de romances clássicos e importantes para a história da literatura brasileira. “Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem.” (FREIRE, 1997, p. 53)



Trazendo os conceitos de Paulo Freire em que ele aborda a escola democrática e a importância de desenvolver estudos em sala de aula que façam sentido para o aluno, é essencial afirmar que essa forma de agir deve ser um trabalho conjunto entre o professor e a escola, não será tão simples atuar de uma forma mais libertadora se o docente não tiver apoio dos coordenadores e diretores da instituição. É preciso consciência de entender o estudante como um ser humano, que tem problemas, sonhos e que vivencia coisas diferentes, por isso pode ter tantos conhecimentos quanto o professor para passar. Ao falar sobre a escola democrática, Freire afirma:

“E é nela que a professora que fala ao e com o educando ouve o educando, não importa a tenra idade dele ou não e, assim, é ouvida por ele. É ouvindo o educando, tarefa inaceitável pela educadora autoritária, que a professora democrática se prepara cada vez mais para ser ouvida pelo educando. Mas, ao aprender com o educando a falar com ele porque o ouviu, ensina o educando a ouvi-la também.” (FREIRE, 1997, p. 59)

É importante que o professor tenha em mente que trabalhar com obras mais atuais pode ser uma forma de introduzir alunos que não têm o gosto pela leitura a começarem a ler. No entanto, deve-se destacar que é imprescindível que a faixa etária dos alunos da turma que ele está ensinando esteja de acordo com o livro que será indicado para leitura. Dessa forma, cabe ao professor, no processo de aprendizagem em sala de aula, estimular seus alunos a aprender e criar um ambiente preparado para que esse conhecimento chegue até o estudante.

Além disso, os alunos precisam ser instigados a enxergar o ato de ler como uma parte fundamental do seu aprendizado geral, e todo esse processo tem que ser prazeroso, simples e contextualizado. É importante que os textos utilizados em sala de aula tragam assuntos que promovam a crítica e a reflexão com relação à temas sociais, políticos, econômicos para que assim o estudante consiga associar o que foi lido com a sua realidade e então, comece a enxergar o mundo com um olhar mais crítico e questionador. A importância de ter alunos que questionam e que analisam tudo com um olhar de criticidade vai além de estimular a criatividade e melhorar a



percepção de mundo deles. Tem muito a ver também com educar futuros jovens que irão ajudar a expandir o conhecimento das próximas gerações e que possivelmente podem contribuir para revolucionar o mundo, tornando-o mais justo e igualitário para todos.

O uso de textos que façam sentido para o aluno em sala de aula ainda permite que o professor explique assuntos de gramática utilizando as frases e palavras dentro do próprio texto trabalhado, pois assim o aprendizado se torna mais real e menos robotizado. Segundo Paulo Freire

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 1989, p. 9)

Ao falar de obras clássicas, é impossível não citar a dificuldade relatada pela maioria dos alunos em entender a linguagem mais rebuscada que se encontra nesse tipo de obra e mesmo sabendo que o aluno pode nunca utilizar tais palavras, é importante que ele conheça-as e saiba o significado delas, pois isso o ajudará a entender mais sobre a sua própria língua e a história dela. Ao usar uma obra antiga, relacione-a com assuntos atuais e que o estudante possa conhecer, promova debates em sala de aula sobre aquele tema, e como auxílio, traga os tipos de textos atuais que foram citados no início do capítulo que tenha temas parecidos e que irão auxiliar nas discussões em sala.

Geralmente a obra clássica é aplicada em sala de aula apenas da forma tradicional, que geralmente é: lendo-a, analisando-a e depois com alguma avaliação como método de comprovação de leitura e entendimento. A tendência desse tipo de avaliação é que os alunos não vejam muito sentido naquilo que estão fazendo, já que é uma história que eles não conseguem ver relação com a sua vida e o fazem somente porque é quase que obrigatório. Por outro lado, se o professor traz aquela obra para o seu dia a dia e a relaciona à assuntos que o estudante compreende e convive



diariamente, é mais provável que ele goste e aprecie as obras clássicas com um olhar diferente.

3. A PRODUÇÃO TEXTUAL NA PRÁTICA COM A OBRA DOM CASMURRO

A busca por práticas significativas de leitura e produção textual deve compreender a interação do leitor com o mundo. Dessa maneira, segundo Motta Ruth (2006, p. 501), “ensinar linguagem passa a ser mais do que ensinar as estruturas da língua, pois se concentra em levar o aluno a desenvolver competências analíticas dos contextos de uso da linguagem de modo a se tornar capaz de analisar discursos.”

Eu era advogado de algumas casas ricas, e os processos vinham chegando. Escobar contribuirá muito para as minhas estreias no foro. Interveio com um advogado célebre para que me admitisse à sua banca, e arranhou-me algumas procurações, tudo espontaneamente. (ASSIS, 1998, p. 201)

No trecho acima, do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, o narrador-personagem fala sobre sua profissão. O leitor, todavia, não recebe informação a respeito de quaisquer processos em que Bentinho tenha atuado, muito menos sobre sua competência profissional. Entretanto, todo o romance pode ser compreendido como uma longa acusação que Bento move contra sua esposa, Capitu, por adultério. Atuando como promotor e juiz ao mesmo tempo, Bento considera Capitu culpada e a condena num processo sem direito à defesa, ou seja, sua versão dos acontecimentos não é apresentada.

A partir da leitura do romance, é possível que o leitor reflita sobre o seguinte problema que faz parte do nosso cotidiano: a verdade pode ser convencionalizada a partir de apenas uma perspectiva? Em sala de aula, esse tema pode ser abordado por diversas óticas, podendo ser através do âmbito literário, comportamental, político, religioso ou social. A discussão abre margem para que a interpretação do leitor seja tanto “sim” quanto “não” quanto, “depende”, seguida de uma argumentação coerente.

O questionamento também abre margem para uma discussão sobre a tentativa de disseminação de desinformação através da distorção de fatos. É possível



comparar com o que acontece em Dom Casmurro com o que chamamos de “pós-verdade”. O dicionário *Oxford* define o termo “pós-verdade” como “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais”. A diferença principal se encontra no contexto temporal, visto que de que estamos em uma era turbinada pela internet e pelas redes sociais, em que o crescimento de notícias convenientemente falsas é viral e o efeito é exponencialmente perigoso.

No artigo “A cultura do cancelamento: O que era valioso passou dos limites?” a revista *Rolling Stone Brasil* discorre a respeito da ilusão de senso de justiça ocasionada pela internet através da liberdade de expressão e rápida repercussão para massificar ataques virtuais. Segundo a revista, “os usuários [da web] têm o poder de anunciar o cancelamento de qualquer pessoa pública ou não pública, a qual não terá muitas chances - talvez não tenha nenhuma - de se retratar.”

Propõe-se um exercício de compreensão que diverge da metodologia dos livros didáticos tradicionais. Uma alternativa excepcional de trabalhar a compreensão textual nesse contexto, sugerindo que os alunos encontrem a base semântica no discurso que liga a problemática do romance de Machado de Assis com a cultura do cancelamento atualmente e o que separa as ações dos sujeitos, além do contexto temporal.

O posicionamento dos alunos dentro da argumentação, as relações interpessoais na troca de opiniões, o aprofundamento e o relacionamento entre as ideias fazem da comparação entre ambos os textos nas aulas um dispositivo facilitador da prática de leitura e interpretação textual e também uma ferramenta que estimula a produção de texto, seja oral ou escrito. Para Marcuschi (2020, p. 85), “a escola **deve** ocupar-se tanto da compreensão na escrita como na oralidade. Não há dúvida de que hoje ela se ocupa mais com a escrita, no que está certa, mas não pode ignorar que o(a) aluno(a) fala.” É importante salientar que, na reprodução do conteúdo,



o aluno compartilha sua versão dos fatos. Dessa maneira, abre-se espaço para diferentes perspectivas sobre um mesmo tema.

A força argumentativa do romance deve ser tratada paralelamente ao discurso. “Não se trata de uma determinação, mas de uma relação dialética.” (FAIRCLOUGH apud MARCUSCHI, 2004, p. 13). O discurso possui um valor político e ideológico, sendo capaz de se tornar num fator de controle social, até mesmo esquadrinhado sob a luz da literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura no âmbito escolar não deve se resumir a decodificar textos, o texto precisa ser compreendido. Diante desse quadro, o simples exercício de leitura não contribui para um aprendizado consistente. Exercícios de interpretação com indagações genéricas não qualificam o aluno como capaz de interpretar textos. Assim, acredita-se que o aluno deva ser imerso no texto e em seu contexto para que, desta forma, possa ser capaz de dialogar e refletir criticamente no que lhe é proposto.

Acredita-se que é de extrema importância relacionar a realidade do aluno em sala de aula, pois dessa forma o professor consegue incentivá-lo a ler mais e, conseqüentemente, desenvolver mais a subjetividade e as competências necessárias para lidar e interpretar o mundo através da linguagem. Se uma metodologia adequada for adotada na leitura e na compreensão de texto em sala de aula, estaremos contribuindo para a formação de um sujeito mais crítico diante dos textos que encara para seu uso na vida cotidiana. Nessa abordagem, a leitura não contribui apenas para a formação de leitores competentes, mas para a constituição do sujeito.



REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Editora Ática.1989
- CAFIERO, D. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, E., ROJO, R. (Org.). **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 86.
- LEFFA, Vilson J. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: LEFFA, Vilson J., ERNST, Aracy (Org.). **Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa**. Pelotas: Educat, 2012, p. 255.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d' Água, 1997.
- _____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- MARCUSCHI, L. A. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 7, p. 12, 2004/2005.
- MARCUSCHI, L. A. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONISIO, A., BEZERRA, M. A. (Org.). **Livro Didático de Português: Múltiplos olhares**. Campina Grande: EDUFCG, 2020. p. 85.
- MORITA, Julia Harumi. **A cultura do cancelamento: O que era valioso passou dos limites?**. Rolling Stone. 2020. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/cultura-do-cancelamento-o-que-era-valioso-passou-dos-limites/>> Acesso em 20 de julho de 2020.
- MOTTA-ROTH, D. **O Ensino de Produção Textual com Base em Atividades Sociais e Gêneros Textuais**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 501, 2006.